Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e expa[illegible] o Concelho

Notícias de Guimarães

Ano 16.º N.º 820
GUIMARÃES, 19 de Outubro - 1947
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Problemas citadinos

V

O abastecimento de água e o saneamento

E' já lugar cómum dizer-se que *o tempo se encarregará de resolver o problema das águas em Guimarães e que o do saneamento não tenta qualquer vereação, por se tornarem obras de grande dispêndio e de pouco luzimento.*

E parece que o juízo do povo tem certa propriedade e aplicação neste capítulo.

Pode dizer-se, afoitamente, que este meio século decorrido foi gasto em promessas e projectos feitos.

Mais minas na Penha, ou menos minas a perfurá-la; água da Lapinha e de Gonça, ou água do rio Ave; abertura de rotas e canos nas artérias novas; orçamentos e empréstimos; depósitos à ordem e pagamentos de juros; novas plantas e novos traçados a inundar as gavetas da chamada *Repartição de Obras*; no seu somatório lembra o texto do cartarpácio que do escaparate se retirou para fazer a aprendisagem da «arte de bem governar os povos» ou o do tratado dilecto do velho erbanário ou vendedor de mèzinhas, que, aos sábados, consegue autorização para perturbar o descanso dos vimaranenses com as gaitadas do seu «seringofone» e radiofusão de palavreado estudado antecipadamente e acertadamente apropriado ao negócio proposto.

Ouvir um toque de rebate a chamar os humanitários bombeiros para o cumprimento do seu dever; presencearem-se as «bichas» das sopeiras a deshoras à mistura com os palavrões dos malandrins que as importunam e afrontam; reconhecer o desespero da falta de água nas casas para prover às suas necessidades e limpeza; e, ainda, contar-se em metros cúbicos o que a pressão consegue marcar na rijeza da contagem dos aperfeiçoados contadores — que muitas vezes contam sem conta — ou admitir funcionamento de *otoclismos* para os transformar em «fossas mouras»; nada disso interessa.

As primeiras trovoadas de Outono, com as suas chuvas fustigantes, lá conseguem empalhar o tempo e dar a solução conveniente ao problema proposto.

As nascentes e as fontes tornam-se inexauríveis de linfa; os regatos engrossam de volume; os rios transbordam as suas normais margens e trazem adubo conveniente às terras; os depósitos camarários tresvazam do que lhe é fornecido pelas minas da Penha e da Azenha; e tudo corre bem só porque o *Santo Claviculário* mostrou um ar da sua graça e houve por bem abrir as «torneiras celestiais»!...

— *Pacífica gente e crédulo povo!!!*

*

Não é nossa pretensão acusar ninguém ou desejar jogar censuras a quem as não merece.

Oferece-se-nos a oportunidade de ver à frente da nossa Câmara um vimaranense ilustre e nosso prezado Amigo, o Ex.mo Senhor Dr. Augusto Ferreira da Cunha, que, embora, em exercício da Vice-Presidência, conhece também o problema como nós.

E, porque nos apostámos em apoiá-lo, em todas as suas superiores determinações e inerentes ao exercício do seu alto cargo, tomamos esta liberdade, com a devida vénia, e impetramos-lhe que marque nobre posição no ocasional lugar que ocupa, já pelo bom nome da sua e nossa Terra, já pelo respeito que lhe devemos como homem, médico e cidadão.

Cremos que não advirão outras censuras para os que lhe sucederem e que os gastos feitos, até à presente data, redobrarão em eficácia para a solução dum problema que se julgava insolúvel.

1947.

Siúl.

Questão de saias

Sempre as saias foram origem de grandes trabalhos. Desde que Eva trocou a simplicidade da folha de parra pelo arrebique das folhas de era, começaram as primeiras sérias preocupações da Humanidade.

A modista veio depois complicar as coisas e mais do que a modista, o costureiro, principalmente o costureiro de Paris. Por causa dele espalharam os franceses aos quatro ventos o erróneo conceito — *cherchez la femma* — que é assim, não como quem diz, mas como quem quer dizer — procurai as saias... *(honni soit qui mal y pense)* processo cómodo de sacudir a água do capote.

De facto, as saias deram e dão que pensar. Ora o pensar não faz bom cabelo a ninguém, pensaram os magnates da alta costura, sentindo-se em parte culpados do mal-estar geral. E trataram de estabelecer o sossego edémico sobre a face do mundo conturbado.

Mãos à obra!

Mas de que modo?

Suprimindo a mulher?

Não!... Resolvendo pura e simplesmente suprimir... as saias!

Eis explicada a razão porque há anos assistíamos ao desagradável espectáculo de vermos as saias encurtarem, encurtarem, encurtarem no transparente propósito de tornarem à primitiva folha de parra...

De época para época se acentuava a subida produzindo-se ainda o paradoxo de as confecções aumentarem de preço à medida que diminuiam de metragem.

Para os ignorantes da causa, os efeitos eram surpreendentes...

Todavia em 1947 operou se uma reviravolta estranha. A linha alterou-se... e alteraram-se os ânimos. Os figurões, perdão, os figurinos decretavam cinturas estreitas e saias longas!

Saias longas...

Aqui é que bate o ponto!

Desistiam dos seus planos, os paladinos da nova era de paz?

Nem por sombras!

A variante significava apenas... estratégia. De vagar se vai ao longe e uns compassos de espera multiplicam energias.

Elas, porém, não gostaram da novidade e reagiram bastante enfadadas. Saias compridas, nem vê-las!

Agora são as damas da moda que não andam à moda viste a moda preceituar as saias mais compridas e elas as usarem cada vez mais curtas...

— Envelhecem, objectam as durázias!

— Fazem-nos botas de elástico, recalcitram as jovens...

Contudo, se umas e outras reflectissem, reconheceriam que nunca a mulher se mostra tão distinta e sedutora como quando no seu longo e amplo vestido de noite surge à luz dos salões de baile ou nos salões e plateias dos teatros líricos... Reconheceria que a mulher diplomata, e na diplomacia é mestra a mulher, nunca, nos momentos solenes, deixa de aparecer de saia comprida, e tanto mais comprida a saia quanto mais solene for o momento, mesmo sem o excitante da nudez dos braços e do colo que a moda quase preteriu, num dos seus frequentes caprichos, para repor no devido lugar as golas e as mangas.

Mas quem for cego ou andar na lua, julgará, ouvindo falar de *saias compridas*, que se trata de saias a arrastar-se pelo chão ou a tocar no artelho, para trazer na rua. Puro engano. O famoso aumento não excede, por enquanto, uns dez centímetros — menos do preciso para a urgente compostura de certas saias... utópicas.

Perante esta feroz resistência aos inocentíssimos dez centimetrozitos da nova ordem, podemos avaliar a sinceridade da mulher ao atribuir à tirania da Moda a responsabilidade de quantos ridículos estadeia, pois quando a Moda, num assomo de bom-senso, lhe diz criteriosamente:

— Estas é que são as saias...

... a mulher, batendo o pé de rijo, responde muito senhora do seu nariz:

— Estas saias é que são!...

Ludovina Frias de Matos.

As forças vivas de Guimarães

levaram até junto do Governo o seu protesto contra a reprodução da Estátua do Fundador

A propósito do estranho caso da reprodução da Estátua de D. Afonso Henriques, que o Distrito do Porto resolveu oferecer à cidade de Lisboa, utilizando para tal e num gesto de desrespeito para com o Berço da Nacionalidade o projecto que o imortal Escultor Soares dos Reis fez propositadamente para Guimarães, a Câmara Municipal reuniu há dias em sessão extraordinária para apreciar o assunto devidamente.

Após essa sessão a Câmara resolveu dirigir a Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior uma reclamação-protesto, documento esse de que foi portador para o referido Estadista o ilustre Chefe do Distrito Senhor Major Nery Teixeira.

Entretanto numerosas individualidades vimaranenses assim como os organismos culturais, económicos, corporativos, desportivos, etc., endereçaram telegramas a Suas Excelências os Senhores Presidente do Ministério, Ministro do Interior e Ministro da Educação Nacional, lamentando também a reprodução da Estátua — infeliz ideia que desde início foi absolutamente reprovada por todos os vimaranenses e ainda por inúmeros outros portugueses.

De esperar é, pois, que sejam devidamente ponderadas as razões apresentadas pela Cidade de Guimarães, que espera lhe seja feita **Justiça**.

O "Vitória" é merecedor da Medalha da Cidade

As festas comemorativas do 25.º Aniversário do Vitória, iniciadas no penúltimo sábado e que terminam hoje, têm decorrido com o brilhantismo que se esperava e no meio do maior interesse por parte não só da grande família vitoriana mas ainda de toda a população.

E a propósito destas festas consagradoras da actividade intensa de uma agremiação que tão bem tem sabido cumprir a sua missão, impondo-se pelos seus méritos ao respeito de todos, e à qual Guimarães tanto deve já em propaganda e prestígio desportivo, ousamos daqui lembrar à Ex.ma Câmara Municipal, à frente da qual se encontra presentemente um vimaranense ilustre, a justiça que representaria conceder ao Vitória de Guimarães, nesta data festiva e como reconhecimento pela sua brilhante acção ao serviço da Terra, a **MEDALHA DA CIDADE** *— galardão absolutamente merecido.*

Outras Edilidades — Braga já o fez e Coimbra vai fazê-lo muito em breve — não tiveram dúvidas em conferir ao seu Club mais representativo tal distinção. Por isso, justo é que Guimarães não fique atrás.

Confiamos, pois, que também a nossa ilustre Edilidade tome essa decisão, com a qual muito se honrará, visto que isso representa nem mais nem menos de que um acto de justiça feito à nossa primeira e prestigiada agremiação desportiva.

Belgatour.

OS MEUS CADERNOS

Vincent d'Indy

Vincent d'Indy foi um dos maiores mestres da música europeia, no último quarteirão do século XIX. O sentido profundamente dramático da sua expressão, o colorido agradabilíssimo do seu estilo, a técnica perfeita da sua arte tornaram-no conhecido e admirado não só na França mas também em toda a Europa artística, até então bitolada pela arte de Wagner.

Mas a marca mais distinta da sua personalidade está na clareza que sempre manteve e que sempre empregou. Nas suas obras como no seu próprio pensamento, não há uma nuvem ou uma sombra. «E' uma necessidade para ele julgar, ordenar, classificar, unificar».

O seu espírito é estruturalmente latino, quer em si, quer nas obras que escreveu. Como não podia deixar de ser, sofreu influências de Wagner — o ídolo da época. No entanto, o seu wagnerismo não é absoluto. Entre «Fervaal» de Vincent d'Indy e «Siegfried» de Wagner existe uma grande diferença. Não só a emoção é distinta como também a concepção de cada uma das obras tem as suas variantes próprias. Em Vincent d'Indy não há o tom pesado, a escuridão da noite, o silêncio doloroso do espírito alemão; nele, o sol brilha em toda a sua epopeia de luz e o aspecto das coisas tem um encanto particular.

Habituados como estavam os ouvidos a Wagner, não é difícil acreditar que certos críticos quisessem ver defeitos onde só residia originalidade. Mas o autor do «le Chant de la cloche», «Wallenstein», «la Symphonie sur un thème montagnard» e de muitas outras obras de requinte artístico tinha a feliz hombridade de não se sujeitar às opiniões dos outros. Em 5 de Fevereiro de 1899, escrevera na «Revue d'Art Dramatique»: «Je considère la critique comme absolument inutile, je dirai même nuisible... La critique est en général l'opinion d'un monsieur quelconque sur une oeuvre. En quoi cette opinion pourrait-elle être de quelque utilité au développement de l'art? Autant il peut être intéressant de connaitre les idées, mêmes erronées, de certains hommes de génie ou même de grand talent, comme Goethe, Schumann, Wagner, Sainte-Beuve, Michelet, lorsqu'ils veulent bien faire de la critique, autant il est indifférent de savoir que monsieur tel ou tel aime ou n'aime pas telle oeuvre dramatique ou musicale.»

Desta forma e agarrado a este princípio, pôde ele fazer vingar a sua arte, deixando o seu espírito espraiar-se livremente em todas as emoções fortes e em todas as liberdades de expressão.

Há ainda uma característica importante na vida de Vincent d'Indy, que não se deve esquecer: — as suas qualidades de educador musical. Sobre a arte compartilhava das ideias de Tolstoy, o qual citava muitas vezes nas suas críticas e nos seus escritos. Por isso, defendia: «Na base de toda a arte está esta condição essencial: o ensino... O fim da arte não é o lucro nem mesmo a glória; o verdadeiro fim da arte é ensinar, elevar gradualmente o espírito da humanidade, numa palavra, servir, no sentido do sublime *Dienen* que Wagner põe na boca de Kundry arrependido, no terceiro acto de «Parsifal».

Foi um fervoroso e óptimo professor de composição. Na didáctica musical, Vincent d'Indy ocupa um lugar proeminente, digno de todos os elogios. Simplificando as dificuldades, esclarecendo os temas mais complicados, auxiliando as inteligências, Vincent d'Indy foi um professor distinto e muito ficaram a dever à clareza, à luminosidade e à nitidez do seu espírito todos os alunos que com tanta grandeza de alma ensinou.

O artista deve ter antes de tudo Fé — fé em Deus e fé na arte; deve praticar a Esperança; e deve estar tocado da sublime, da maior Caridade — dizia ele. Dizia e cumpriu-o. Tanto na vida como na sua obra, estas virtudes teologais são o fulcro de toda a sua actividade. Até no ensino praticou à risca o seu amor pelo próximo.

Ferreira Torres.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

BONEQUITA MORTA

Quando foram dizer ao armador
Pra fazer o caixão de palmo e meio,
Inundou-se-lhe a fronte de suor
E não o quis fazer, tinha receio

Fosse engano, talvez, do medidor,
Porque o esquife, assim, de palmo e meio,
Apenas serviria a uma flor
Ou a um ai sumido dum anseio.

Pois era uma boneca pequenina,
A pequenina morta, branca e fina,
Alumiada, agora, à luz dum círio...

E quando o armador a pôs, por fim,
No caixãosito leve de cetim
Parecia, estendida, um doce lírio...

Outubro de 1947.

DELFIM DE GUIMARÃES.

A Escritora ISAURA CORREIA SANTOS laureada pelo S. N. I.

Se o estilo é o homem, o lar é a mulher — mesmo que a mulher seja mulher de letras e tenha estilo...

Do lar em desordem, tumultuoso e católico, dificilmente sairá, de inspiração feminina, obra construtiva se a autora se não negar a renegar, mentindo e desmentindo se a si própria.

Maria Amália Vaz de Carvalho é, entre nós, a personificação da escri-

tora-Senhora. No seu «Cantinho», esse adorável «Cantinho» amorosamente reconstituido por «Modas & Bordados» numa realização inolvidável, soube fazer-se amar como esposa, mãe, amiga, camarada e protectora de quantos a ela recorrem, prodigalizando-se, simultâneamente, em centenas e centenas de páginas magistrais. A par do bom-gosto artístico, a constante preocupação do bem-estar alheio tornava o seu convívio suavizador e reconfortante. Princesa das letras, conservou sempre o seu prestígio de raínha do lar.

Nisto pensava eu dentro do lar de Isaura Correia Santos, naquele ambiente de sóbria elegância que, em meu conceito, correspondia à personalidade de literária.

Levara-me ali um impulso de simpatia. O Prémio de Literatura Infantil, do S. N. I., de 1947 — Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, justamente — viera para o Porto atribuido pela maioria do juri ao livro «O senhor sabe tudo», contou...

— Venho felicitá-la, Isaura.

— Obrigada. Uma verdadeira surpresa! Concorri por concorrer e nunca mais pensei no caso.

— Um grande triunfo, o maior da sua carreira de escritora, sem dúvida...

A novelista de «A história da minha vida» sorriu, esboçando um discreto sinal negativo.

— Foi meu marido, ouvindo casualmente o noticiário da Emissora, quem me deu a boa nova precisamente no dia do 16.º aniversário do nosso casamento.

— Auspiciosa coincidência! Com tão animador resultado, não deixará, por certo, de publicar contos infantis...

— Esse género encanta-me. Diverte-me e enternece-me. Rio e choro ao escrever conforme as peripécias surgem tristes ou alegres...

— Admite o maravilhoso na literatura infantil?

— Acho-o até indispensável. Sonhar não agrada sòmente aos adultos... os pequeninos também precisam de sonhar sonhos lindos. Ao lado das maravilhas da fantasia as maravilhas da História, das ciências, da arte...

— Perfeitamente... «O senhor sabe tudo, contou...»

— E continuará a contar porque o «Senhor sabe tudo» ainda não contou tudo o que sabe...

Estranho não descobrir na pronúncia de Isaura Correia Santos reminiscências fonéticas da província que lhe serviu de berço.

— Adoro o meu Alentejo! Não o esqueci nem o esquecerei! Mas residi no Porto há dezasseis anos, desde o primeiro dia de casada, compreende?

— Compreendo, e compreendo o seu amor ao «seu» Alentejo. Para o amar basta conhece-lo...

— Conhece-o?

— Um bocadinho. Ainda trago comigo saudades de Borba, Evora, Redondo, Elvas, Estremoz, etc., etc.... E você, não gosta do Porto?...

— Pois não havia de gostar se aqui nasceu o meu filho?!

Em preparativos de retirada, para esclarecer um ponto obscuro, repisei, referindo-me ao prémio:

— Felicito-a novamente pelo seu êxito, o seu maior êxito, sem dúvida...

O mesmo sorriso, o mesmo gesto de discreta negativa.

— Qual foi então, para si, o maior triunfo, o maior êxito de escritora? — perguntei abertamente, picada pela curiosidade.

Isaura Correia Santos explica singelamente:

— Em 24 de Março publiquei num jornal tripeiro o artigo intitulado «Transformemos o pó em seiva». Começava assim: Várias vezes, ao meditar na obra do Padre Américo, tenho sonhado na fundação de uma casa que recebesse as raparigas da rua...»

— Li o artigo. Terminava dirigindo um vibrante apelo às alunas caridosas: «Vinde, vinde ajudá-la a erguer...»

— Tempo depois chegava-me às mãos, do Rio de Janeiro, oferecido por um generoso anónimo, um cheque de dez mil escudos para principio da obra visionada, «para que o meu sonho não fique apenas no papel». Foi esta a maior alegria da minha vida literária.

Se a leitora já leu «O senhor sabe tudo contou...» pode, por aí, avaliar o talento da escritora. Avalie, agora, pelas palavras acima citadas, o coração da mulher.

(De «Modas & Bordados»).

Ludovina.

FARPAS

O leitor quer ouvir esta?
Como era dia de festa
Fui, Domingo, ao *Futebol*!
Presenciei discussões,
Gritos, nervoso, aflições
E apanhei muito sol!

Mas o que me fez pasmar
E, agora, vir criticar,
Foi ver a dura contenda
Entre alguns contratadores
Armados em portadores
De bilhetes p'ra revenda.

Sem medo à **Autoridade**
Num lugar que é... cidade
Gritavam alto o pregão:
— *A bicha está complicada!*
— *Quem quer pedão ou bancada!*
— *Quem quer bancada ou pedão!*

O Grupo em festa, a seguir,
Fez no *Jordão* exibir
Uma «fita» a seu favor.
Mas da «casa», grande parte,
Passou, com engenho e arte
P'ra mão do *Contratador*!!!

Isto deu o resultado
De andar o povo, exaltado,
A' procura de um lugar...
Ou ir junto dessa gente,
Muito respeitosamente
E um bilhete mendigar!...

Numa casa onde se bebe
Já se dizia: «... percebe?
É mesmo assim são baratas...
Tenho aqui a pasta cheia!
Nem *Balcão* e nem *Plateia*
Há na *Casa das Gravatas*!»

Ora isto é muito duro!
Que o povo «espreite o furo
De melhor ganhar a vida»...
Mas que também compreenda
Que, neste caso, a revenda
Está, por **Lei**, proibida!

A cidade tem Polícia
P'ra fazer certa carícia
A quem praticar o mal.
Este concelho querido
Está, creio, incluido
No **Mapa de Portugal**!

Darmoa.

Círculo de Cultura Musical

Numa visita que fizemos à Comissão de Turismo, foi-nos grato constatar que continua com muito entusiasmo a inscrição de sócios na Delegação de Guimarães, prova eloquente de que Guimarães acarinha, como cidade culta, todas as manifestações do espírito.

Vimos os nomes mais representativos e, nota curiosa, é grande o número de senhoras inscritas, talvez superior, nesta data, às inscrições do ano findo.

Oxalá a inscrição continue neste ritmo, pois temos conhecimento de que são necessários pelo menos uns 500 associados, para assegurar definitivamente a vinda a esta cidade não só das Orquestras Sinfónica Nacional e de Paris, como também dos concertistas exímios que compõem a temporada que se vai iniciar.

A vinda da Orquestra de Paris é um acontecimento de grande vulto para o País e só este facto levou a um enorme crescente de inscrições em Lisboa e Porto.

Como título de informação sabemos que a nossa vizinha cidade de Braga tem uma inscrição muito lisonjeira, devendo ser a Delegação que na província maior número de associados possue, o que muito honra a velha cidade dos arcebispos.

Estamos certos que todos os vimaranenses, ciosos do bom nome da sua terra, darão a esta iniciativa o seu melhor aplauso, não esquecendo que só por intermédio do C. C. M. é possível ouvir em Guimarães concertos que ainda há poucos anos eram privativos de S. Carlos e sòmente para as classes mais abastadas.

Não convém esquecer que sendo o preço da inscrição o mesmo do ano passado, os concertos custam 25$00 cada um, preço mais que irrisório para a alta classe destes espectáculos.

*

À medida que se aproxima a data do grande concerto inaugural que a Orquestra Sinfónica Nacional, sob a regência do Maestro Markévitch vem realizar a Guimarães em Novembro próximo, maior interesse se tem notado nas inscrições de associados.

Como noticiámos já, a inscrição é feita no Turismo, onde os interessados se podem dirigir, mesmo pelo telefone.

Temos conhecimento que é na próxima quinta-feira, dia 23, que se realiza a primeira assembleia geral dos sócios da Delegação de Guimarães, pois deseja a Comissão Organizadora prestar contas e igualmente fazer eleger os corpos directivos para a presente temporada.

Assim, deverá proceder-se à eleição da Direcção, da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, de harmonia com os estatutos.

A reunião realiza-se no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento que gentilmente o cedeu para tal fim, pelas 21 horas, funcionando com qualquer número de sócios, meia hora depois.

Estamos certos que todos os associados comparecerão nesse dia, pois bem merece a ilustre Comissão Organizadora o reconhecimento de quantos se interessam pelo prestígio e cultura da cidade de Guimarães.

Batá

REPRESENTAÇÕES

Pretende pessoa de 35 anos de idade e conhecedor da praça de Lisboa, onde trabalha há 20 anos numa importante casa comercial.

Dão-se as referências necessárias. 643

Resposta à redacção deste jornal com as iniciais H. C.

Comemoração do 25.º Aniversário do Vitória

As festas comemorativas das Bodas de Prata do Vitória Sport Club, que estão a decorrer com muito brilho, iniciaram-se no sábado, dia 11, com uma sessão solene no salão nobre da Associação Artística Vimaranense, o qual se via repleto de pessoas, na maioria sócios do Club.

Presidiu à sessão inaugural o Sr. Antero Henriques da Silva, actual e prestigioso Presidente do Vitória, que se fez rodear, na mesa de honra, pelos Srs: Domingos André de Magalhães, Luís Filipe Coelho, Avelino Augusto de Araújo Dantas, sócios fundadores do Club; Orlando de Macedo, filho do sócio fundador, já falecido, Sr. António Macedo Guimarães; António Faria Martins, representante da Associação de Futebol de Braga; Helder Lemos Rocha, representante da Mesa da Assembleia Geral do Club; Virgílio de Freitas e António Pádua de Magalhães Ribeiro (Bravo), antigos jogadores e sócios honorários.

Concedida a palavra ao orador oficial, o distinto professor Sr. Luís Filipe Coelho, este começou por agradecer a lembrança do seu nome, para orador oficial daquela sessão comemorativa, lamentando que fosse a sua palavra descolorida a indicada para ofuscar o brilho doutras palavras de justiça.

Num breve *introito*, historiou de seguida as origens do desporto como salutar meio de cultura física, e, baseando se em opiniões de mestres e, muito especialmente, nas do naturalista americano, Bernarr Macfaden, demonstrou que aquela é tão natural como natural foi o aparecimento do primeiro homem sobre a Terra.

Entrando pròpriamente no assunto da sua palestra, falou nos depois nos precursores do foot-ball vimaranense e do interesse que esta modalidade do desporto despertou no espírito da nossa mocidade, nos remotos tempos em que as brincadeiras das ruas eram a sua preocupação dominante.

Contou resumidamente como nasceu a ideia da fundação do «Vitória Sport Club», das *démarches* encetadas para a sua integração no Desporto Nacional, bem como todos os passos da sua existência de 25 anos que foram dados para o elevar ao nível em que se encontra nos actuais tempos.

Por fim, salientou as administrações altamente prestigiosas dos Snrs. Dr. José Pinto Rodrigues, Amadeu da Costa Carvalho, António Faria Martins e Antero Henriques da Silva — a quem, sem dúvida, a Cidade ficou devendo o seu maior renome —, para exalçar o esforço e a dedicação de todos quantos bem souberam desfraldar a bandeira do nosso primeiro club desportivo, como se ela fôra o bolsar glorioso duma raça que tem a perfeita noção do seu valor, pelo exemplo imorredouro dos seus filhos.

Seguidamente usou da palavra o antigo Presidente do Vitória e actual Vice-Presidente da A. F. de Braga, Sr. António Faria Martins, que recordou factos já distantes que se prendem com a vida do popular Club e fez a chamada dos campeões desde a época de 1933-34 até aos nossos dias, os quais receberam medalhas comemorativas das Bodas de Prata do Club.

Ao encerrar a sessão, que decorreu com muito entusiasmo, o Sr. Presidente agradeceu a comparência de todas as pessoas presentes.

*

Na sede do Vitória realizou-se no domingo de manhã a sessão de homenagem aos fundadores do Club, sendo descerrado um quadro com os nomes destes.

Presidiu o Sr. Antero H. da Silva, presidente do Club, ladeado pelos Srs. Emílio Pereira de Macedo, um dos fundadores, e José Gualberto de Freitas, nosso camarada.

Aberta a sessão, usou da palavra o Sr. Antero Silva que disse as seguintes palavras:

Meus senhores

Está em festa a família vitoriana comemorando as bodas de prata do seu clube.

De facto, este acontecimento não podia passar sem a merecida consagração visto que um quarto de século na vida duma colectividade como a nossa, representa uma soma de trabalho e uma conjugação de esforços que justificam bem uma comemoração condigna.

Propositadamente, quisemos imprimir às nossas festas um cunho de gratidão a todos quantos pelo seu esforço e pela sua dedicação, concorreram para que o Vitória atingisse o grau de desenvolvimento e, podemos afirmar, de projecção nacional que hoje se orgulha de ostentar.

Ontem, homenageámos os atletas felizmente ainda vivos que conquistaram títulos para o nosso clube. No fim desta sessão, iremos em piedosa romagem até ao cemitério, junto das campas daqueles que já partiram para a viagem eterna, afirmar-lhes que os não esquecemos, que a nossa gratidão continua imperecível, que nem a morte a pode apagar.

Agora, o nosso preito de homenagem vai para aqueles — mortos e vivos — que numa hora feliz das suas existências fundaram e deram vida ao Vitória Sport Club.

Descerrando um quadro com os seus nomes, não só prestamos homenagem à sua iniciativa como afirmamos aos que vierem depois de nós que lhes seremos sempre gratos e que não foi em vão que uma meia dúzia de rapazes, cheios de vida e de esperança, concretizaram um sonho, que se transformou em consoladora realidade.

A um desses fundadores aqui presentes eu peço que se digne descerrar o Quadro de Honra.

Após a leitura, uma grande salva de palmas ecoou na sala e, seguidamente, por uma gentil filha do Sr. Domingos André de Magalhães, foi descerrado um quadro contendo os seguintes nomes dos fundadores do Vitória:

António Pereira de Macedo, Afonso Doria, Avelino Araújo Dantas, Emílio Pereira de Macedo, Domingos André de Magalhães, Luís Filipe Coelho e Luís Gonzaga Leite.

Seguidamente realizou-se uma romagem ao Cemitério de Atouguia em que tomaram parte muitas dezenas de desportistas. Foram depostas flores nas campas dos Vitorianos falecidos: Afonso da Costa Guimarães, Luís Gonzaga Leite, Carlos Machado, António Macedo Guimarães e Alberto Pantaleão.

No final da piedosa romagem foi guardado um minuto de silêncio.

*

Nos dias 14 e 16, terça e quinta-feira, realizaram-se no Jardim Público brilhantes festivais que ali atraíram muita gente. Naquele recinto, que em ambos os dias ostentou profusa e feérica iluminação à moda do Minho, fizeram-se ouvir em seus vastos repertórios, respectivamente, as reputadas Bandas do Pevidém e dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Durante a semana, a fachada da sede do «Vitória» conservou-se embandeirada e via-se iluminada todas as noites.

As comemorações prosseguiram ontem com uma sessão solene no Teatro Jordão e encerram-se hoje com o banquete no Restaurante do mesmo Teatro.

A estes números nos referiremos na próxima semana.

Subsídios para um Calendário de Jogos do Vitória

ÉPOCA DE 1925-1926:

Novembro, 2 — Em Barcelos: Vitória, 1. Barcelense, 4.

Novembro, 16 — Em Braga: Vitória, Infantil, 2. Sporting de Braga, Infantil, 1.

Dezembro, 14 — Em Braga: Vitória, 1. Sporting de Braga, 11.

Janeiro, 3 — Nas Taipas: Vitória, Infantil, 1. Sporting de Braga, Infantil, 2.

Fevereiro, 28 — Campo da Perdiz: Vitória, 2. União de Barcelos, 1.

ÉPOCA DE 1926-1927:

Novembro, 14 — Campo da Perdiz: Vitória, 0. Marinho do Porto, 3.

Novembro, 21 — Em Barcelos: Vitória, 1. União de Barcelos, 2.

Dezembro, 12 — Em Braga: Vitória, 0. Sporting de Braga, 3.

Dezembro 12 — Campo da Perdiz: Vitória, Infantil, 2. Sporting de Braga, Infantil, 0.

Dezembro, 19 — Campo da Perdiz: Vitória, Infantil, 2. Fafe, Infantil, 0.

Fevereiro, 18 — Em Braga: Vitória, Infantil, 1. Sporting de Braga, Infantil, 0. O Vitória, Infantil, ganhou, com este resultado, o Campeonato do Distrito.

Fevereiro, 18 — Campo da Perdiz: Vitória, 1. Sporting de Braga, 4.

Abril, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, Infantil, 2. Académico do Porto, Infantil, 0

ÉPOCA DE 1931-1932:

Janeiro, 24 — Inauguração do Campo de Benlhevai: Vitória, 1. Salgueiros, 6.

Janeiro, 31 — No Benlhevai: Vitória, 1. Vianense, 3.

Fevereiro, 7 — No Benlhevai: Vitória, 1. Sporting de Espinho, 2.

Fevereiro, 14 — No Benlhevai: Vitória, 1. Moreira da Maia, 2.

Fevereiro, 21 — No Benlhevai: Vitória, 4. Desportivo do Porto, 1.

Fevereiro, 28 — No Benlhevai: Vitória, 5. Sport Club da Maia, 2.

Março, 6 — Em Fafe: Vitória, 0. Maria da Fonte, 0.

Março, 15 — Em Fafe: Vitória, 0. Sporting de Fafe, 0.

Março, 20 — No Benlhevai: Vitória, 2. Desportivo da Trofa, 0.

Março, 27 — No Benlhevai: Vitória, 6. Sporting de Fafe, 1.

Abril, 3 — No Benlhevai: Vitória, 1. Famalicão, 2.

Abril, 10 — No Benlhevai: Vitória, 2. Espanhol Guardez, 2.

Abril, 17 — No Benlhevai: Vitória, 4. Ponte do Lima, 2.

Abril, 24 — No Benlhevai: Vitória, 0. Salgueiros, 5.

Maio, 1 — No Benlhevai: Vitória, 1. Instituo Comercial do Porto, 1.

Maio, 8 — No Benlhevai: Vitória, 1. Atlético Rio Tinto, 7.

Maio, 15 — No Benlhevai: Vitória, 5. Sporting de Famalicão, 1.

Maio, 22 — No Benlhevai: Vitória, 3. Progresso do Porto, 1.

Maio, 29 — No Benlhevai: Vitória, 0. Académico do Porto, 1.

Junho, 5 — Na Póvoa: Vitória, 2. Sporting da Póvoa, 7.

Junho, 12 — Em Braga: Vitória, 1. Sporting de Braga, 0.

Junho, 19 — No Benlhevai: Vitória, 6. Senhora da Hora, 0.

Junho, 26 — No Benlhevai: Vitória, 2. Boavista, 2.

Julho, 3 — Em Paços de Ferreira: Vitória, 3. Penafiel, 0.

Julho, 10 — Na Lixa: Vitória, 1. F. C. da Lixa, 4.

Julho, 10 — Em Braga: Vitória (Reservas), 2. Comercial, 3.

Julho, 17 — No Benlhevais: Vitória, 3. F. C. da Lixa, 1.

Julho, 17 — Em Braga: Vitória (Reservas), 1. Sporting de Braga (Reservas), 4.

Agosto, 14 — No Benlhevai: Vitória, 3. F. C. de Gaia, 2.

Máquina de escrever

Vende-se uma Remington em bom estado. Informa-se nesta Redacção.

UM CONTO POR MÊS

...E levou-o consigo!

Por ISAURA CORREIA SANTOS.

O tio Joaquim Planga era conhecido em toda a vila como a pessoa mais sórdida e miserável que o Demónio deitara ao mundo. Tinha os seus sessenta anos bem puxados, e vivia sem família e sem um afecto.

Família? Amigos? Para quê?

Sentia-se bem assim e repudiava a ideia de se casar, receando que a mulher lhe pudesse desfalcar o pecúlio que dia a dia, procurava, ansiosamente, aumentar. Era ele que cozinhava e remendava as calças de sino, as jaquetas, chambres e outras peças de vestuário que herdara do pai e obstavam a que gastasse dinheiro naquilo a que chamava "farrapos". Era ele, ainda, que passava a roupa por água, sem sabão, e fazia todos os serviços domésticos que ficavam muito a desejar... Havia, porém, dois trabalhos domésticos a que jamais deitava a mão: caiar e esfregar. Por essa razão, a sua casinha seria negra, a destoar de todas as outras da vila se a tia Rita Serrote não fosse, de quando em vez, dar-lhe uma caiadela — sem remuneração que não fosse a de ver a sua rua mais alvejante, mais asseada, do que aquela outra considerada "principal".

O tio Joaquim Planga sentava-se amiude na soleira na porta a comer um marrocate com pepino e a ver o mulherio (como ele costumava dizer) **brincar** com o pincel caiando montinhos de pedras ou as junções das lagens que, à laia de tapete ou passadeira, se viam à entrada desta e daquela habitação.

"Se fosse casado e a mulher andasse a perder tempo e dinheiro nas caianças, eu lhe diria!" — murmurava ele, entre dentes, temperando as palavras com um risinho misto de mofa e ameaça. O seu maior prazer era contar e recontar as notas que recebia da venda dos porcos que, por sua conta, engordava no montado que do pai também herdara. Toda a gente lhe conhecia esse **fraco** e era frequente haver quem procurasse convence-lo a viver com o conforto e largueza que os seus "continhos" lhe permitiriam. Mas, sempre que do capital lhe falavam, o porqueiro avarento irritava-se e negava, rijamente, que tivesse dinheiro além do indispensável para se tratar se um dia caísse na cama com uma das moléstias que atacavam as entranhas e levavam pele e osso...

Haviam de ve-lo um dia em que, censurando-o pela sua avareza e falando-lhe do dinheiro que àvidamente amealhava, um pároco o aconselhou a lembrar-se que o não levaria consigo ao ser arrastado pela morte.

Parecia um leão enfurecido, com ímpetos de puxar a língua de quem se atrevia falar-lhe assim.

"Lembrar-me que o não levarei comigo? Essa agora! Eu lhe direi se o levarei ou não!..." — gritava ele, rangendo com os dentes e, ainda, com as cardas das botas, cheias de tombas e sebo, nas pedras da velhíssima calçada do Beco.

Aquela não lhe esquecia... e remoía, remoía, enquanto guardava os suinos e trabalhava em cortiça fazendo tarros e côchos que seriam vendidos nas festas de S. Mateus.

Finalmente, a moléstia que o tio Joaquim Planga receava, veio atacar-lhe as entranhas... Enquanto pôde, foi, cambaleando e de lábios feridos e olhos reluzentes pela febre, ao montado vigiar a vara de porcos que em breve seria aumentada com os bacorinhos da marrã mais corpulenta que jamais possuira e era para si forte fonte de receita pela sua fértil procriação.

Um dia, porém, sentiu-se pior do que nunca. O alforge onde levava uma tarreta, uns marrocates e corna com azeitonas de Elvas, parecia-lhe de chumbo. Não pôde aguentá-lo e escondeu-o no tronco de uma velha azinheira. Fortemente apoiado no cajado, arrastou-se em direcção a casa. Parecia-lhe que os sobreiros e azinheiros tinham aumentado em número e em grandeza. Tinha a impressão que todos bailavam e lhe impediam a passagem.

Os suinos, todavia, continuavam a caminhar como dantes e levavam-lhe grande dianteira.

Sem voz de comando, chegaram ao corral e acomodaram-se grunhindo e fazendo as tropelias de sempre.

A vizinhança notou a falta do tio Joaquim Planga e logo uns moços de certa malta que acabara de chegar à vila se aprontaram a ir procurá-lo nas planícies de além onde predominava o restolho entre montados.

Lá foram e, a uns mil metros de caminho, encontraram o porqueiro a rebolar como se assim amortecesse dores horríveis que pareciam triturar-lhe o corpo da cabeça aos pés. Levaram-no numa padiola construida à pressa e, obedecendo à sua vontade, não o transportaram para o hospital mas, sim, para sua humilde habitação.

A vizinha mais próxima, ou seja a tia Rita Serrote, correu célere a chamar o médico — o qual não tardou a ir dar ao doente uma injecção que o acalmou um pouco.

"Não deve passar desta noite" — disse ele à tia Rita, ao sair, e ajuntou: "E' melhor chamar o padre..."

Ao tio Joaquim Planga, que tinha o ouvido apurado, a opinião do médico não passou despercebida.

Sorriu satanicamente e repetiu:

"Eu lhe direi se o levarei comigo ou não!"

Aproveitou a ausência da tia Rita Serrote para se levantar e ir direito ao mealheiro que tinha escondido debaixo de uma baldosa do pavimento do quarto.

Pegou nervosamente num grande maço de notas, beijou-o vertendo lágrimas febris de dor e desespero, e pegou-lhe fogo. Chorou mais, mais ainda, e deitou as cinzas do seu trabalho, o fruto da sua criminosa avareza, num copo de água que enguliu de um só trago. Nesta altura, sorriu diabòlicamente, uma vez mais, e gritou abrindo desmesuradamente os olhos e fincando as unhas nas palmas das mãos:

"Digam agora que o não levarei comigo!"

Súbito, a noite tornou-se mais escura e trovejou fortemente. A candeia bruxoleou e apagou-se, ouvindo-se, então, uma voz doce e lacriminosa a implorar:

"Perdoai-lhe, Senhor, que não sabe o que faz, nem tampouco o que diz!"

Ante aquele extraordinário acontecimento, o tio Joaquim Planga estremeceu e tentou romper a escuridão em busca de quem assim falava.

Não viu ninguém, mas continuou a ouvir palavras repassadas de compaixão, de amor e caridade! Sentiu-se, pouco a pouco, vencido pelo remorso e pela fé. Cruzou as mãos no peito e, do mais íntimo da alma, de um cantinho até então fechado, saíram palavras de arrependimento que lhe suavizou o último suspiro que não tardou a exalar!

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

FUTEBOL

O Sporting de Braga empatou por 1-1 com o Vitória

O campo da Amorosa registou no domingo a primeira grande assistência da época, oferecendo excelente aspecto. O encontro Vitória Sporting de Braga ali disputado atraiu muita gente de toda a região, mas principalmente da Capital do Distrito e desta cidade, ansiosa por ver mais uma vez frente a frente os velhos rivais de sempre.

Antes de tudo temos de nos regozijar pela boa ordem como tudo decorreu, pois naquele mar de gente, dividida por simpatias clubistas, nada se registou que pudesse empanar o brilho da jornada, dando-nos assim a consoladora certeza de que, finalmente, o Desporto vai sendo compreendido na sua missão de aproximar e educar os povos. Não se assistiu ali àquelas tolas e escusadas questiúnculas entre os adeptos de um e de outro grupo, que tantas vezes têm degenerado em gravíssimos conflitos, tão prejudiciais às colectividades como às terras que estas representam. No campo da Amorosa assistiu-se, sim, ao incitar entusiástico, mas correcto, das respectivas falanges de apoio — e a do Sporting soube assinalar bem a sua presença — mas não se passou disso. E assim é que deve ser para honra do Desporto e dos seus simpatizantes.

Guimarães soube, pois, dar mais uma excelente lição, que cumpre aproveitar àqueles que deixando-se cegar por desvairadas paixões, tantas vezes têm salpicado de lama os princípios fundamentais de uma nobre Causa, pela qual têm lutado e continuam lutando ardorosamente espíritos esclarecidos e vontades inquebrantáveis.

Honra, pois, a Guimarães!

*

O encontro, dado o equilíbrio patenteado pelos grupos em luta, teve o mais lógico desfecho. Na verdade nenhum deles se cotou com direito ao triunfo.

O Vitória podia, sem favor, ter decidido a sorte do jogo para o seu lado no primeiro quarto de hora, pois dispôs de, pelo menos, três ocasiões soberanas para o fazer. Mas os seus dianteiros, desastrados a rematar, não souberam meter em respeito o adversário, que, valendo-se disso, ganhou ânimo e confiança e foi, a pouco e pouco, patenteando toada de jogo vistoso e subtil, passando a criar sério embaraço aos donos do terreno, a quem valeu o trabalho da defesa e nomeadamente de Machado, em tarde inspirada e reveladora das suas extraordinárias qualidades de guarda-redes, bom entre os melhores.

E sem *goals*, mas com vantagem do Sporting, terminou a primeira parte.

Na metade final o Sporting continuou a exibir-se bem inicialmente, mas dentro em pouco era bem notória a fadiga em vários dos seus homens, o que demonstrou que atlèticamente o grupo não tem grandes condições. Do lado do Vitória houve, mercê disso, nesta parte maior quinhão de domínio, criado e mantido pela boa actuação da linha média, mas do qual não lhe adveio resultado prático, pois os homens do ataque, jogando mal e dando alguns deles mostras de pouco interesse, só uma vez conseguiram ir com êxito à baliza adversária, aliás para reporem a igualdade no marcador.

O grupo visitante pratica, de facto, um futebol agradável e vistoso a meio do terreno, mas pouco profícuo na zona de remate, onde se perde por excesso de passes. Os seus elementos de maior evidência foram Daniel, Diamantino, Frederico e Joaquim.

No Vitória tudo esteve bem dos médios para trás, com evidência para estes e para Machado. Mas no ataque, onde a falta de um avançado-centro à altura se faz cada vez sentir mais, pouco se fez de jeito. Além duma confrangedora incapacidade de remate revelada na maioria das oportunidades, notou-se-lhe ausência de ligação e não se lhe viu aquela soma de entusiasmo que tantas vezes só por si conduz ao triunfo. Jogou... mas como que só por obrigação. E isso assim não basta.

O tento do Sporting foi marcado por Mário e o do Vitória por Alcino, com diferença de um minuto, a meio da segunda parte.

Formação dos grupos:

Vitória — Machado, Garcia, Curado, Costa, Luciano, José Maria, Franklim, Rebelo, Teixeira, Alexandre e Alcino.

Sporting — Salvador, Palmeiro, Sobral, Marques, Daniel, Joaquim, Barros, Elói, Mário, Diamantino e Frederico.

Arbitrou o encontro Ribeiro Novo, do colégio bracarense. Trabalho aceitável sobretudo pela imparcialidade demonstrada.

*

Antes de se iniciar o encontro as Direcções do Sportig e do Vitória foram ao meio do terreno do jogo e, na presença dos jogadores, que em seguida se abraçaram, foi entregue pelo presidente do club visitante uma recordação ao Vitória pela passagem do 25.º aniversário da sua fundação.

*

Em Reservas, os grupos ficaram empatados a duas bolas apesar de o Vitória ter jogado a maior parte do encontro só com dez elementos.

J. G. F.

O Desporto

no seu giro evolutivo

Deambulando o pensamento pela história do Desporto Português — no seu breve giro evolutivo —, à liberalidade da sua prática de outros tempos e ao encanto da voluntariedade posta ao seu serviço, contrapõem-se e relevam-se, na cruel sentença das palavras, a desorientação de uns e as escandecidas vaidades de outros a derramarem-se num espumar de onda quebrada na ressaca.

Ressurge em pezares e alegrias, em entusiasmos e ódios, na miragem retrospectiva da nossa própria fantasia de sonho e peregrina romagem de saudade, o descambo de erróneas concepções e, também, a rudeza duma preparação feita à margem do seu verdadeiro significado, como se tudo o que era bom e puro se houvesse perdido no grito das paixões enlaçadas das multidões.

O Desporto Português, em todas as modalidades que a esfusiante mocidade esfiou num sorriso claro de promissora esperança, em nossos dias mostra-se, por vezes, a denegação das suas regras basilares e reveste-se dum enfatuamento denunciador de arrebite prosapioso que, a aceitar-se, mancha o espírito subtil que o nimba e aureola, demonstrando a propensa inclinação para a fanfarronice pelejadora.

Ainda que perfilhemos como boa coisa a regulamentação que o Estado lhe vem impondo, o certo é que os processos usados por um grande número de desportistas para alcançarem os seus reconhecidos objectivos não se traduzem naqueles conceitos rigorosos, coordenadores e educativos, que são a sua essência viva.

Urge, pois, dar combate à impenitência e à leviandade provocadas pelas mal-alinhavadas ideias.

Impõe-se, e mostra-se-nos em desejo, a importância dum Desporto traçado em directrizes conscientes e que satisfaçam, no todo, as hodiernas aspirações — as aspirações que melhor se adaptem aos princípios novos do nosso novo mundo —, de molde a torná-lo uma real escola de virtudes que bem sirva para formar homens sãos, de corpo e espírito, e seja por si só um eficaz meio de robustecer a amizade entre os povos.

Deseja-se e defende-se um Desporto que, difundindo os seus helénicos e salutares princípios, não enverede por caminhos transviados ou se preste a confusões, mas, sim, que agite o seu próprio conceito de beleza e nos seduza com a sua frescura alentadora de aroma de jardim.

Admiti-lo, porém, como um exercício atlético sem o aperfeiçoamento de técnica especial ou praticá-lo fora do concurso da chamada organização útil, o mesmo será que fomentar a sua incompreensão e esquecer as dificuldades iniciais que, pouco a pouco, puderam ser vencidas.

E' um grande mal o êrro de conceber de outro modo a função especialíssima do Desporto ou não emprestar-lhe aquela sequência que é a sua lei natural e o seu próprio movimento.

Desse êrro e dessa falta de sequência resultam, naturalmente, perversão e a condição negativa do seu poder elástico ou dinâmico.

¿E não é verdade que, na impenetrável e sombria treva do Passado, lucila mais brilhantemente a harmoniosa radiação de linhas dum *Discóbolo* grego ou dum corredor de *Maratona* que todos e quaisquer gestos ensaiados para emitida projecção ao Futuro?

Outubro de 1947.

L. C.

CANDIDO DIAS, L.DA — Porto

COTAÇÕES EM 13 DE OUTUBRO DE 1947

MOEDAS OURO E PRATA

Libras	363$00	368$00
Dólares	70$00	72$00
Francos Franceses	13$00	15$00
» Belgas e Suíssos	11$00	13$00
Pesetas	11$00	13$00
Pesos Mexicanos	27$00	27$20
Florins	23$00	25$00
Ouro Português (5 e 10.000 rs)	65$00	75$00
Prata República	13$00	13$20
» Monarquia	14$30	14$50
» 5 Pesetas	14$00	14$20

METAIS

Ouro Barra	36$00	36$30
» Fino	36$20	36$50
Platina	47$00	57$00
Prata Fina	$62	$65
» Lei	$52	$54

NOTA: Só podem ser efectuadas operações em notas estrangeiras com viajantes, mediante o respectivo passaporte e até ao contravalor de mil escudos, ou ainda mediante autorização da Inspecção do Comércio Bancário.

Batá

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 20, os nossos bons amigos srs. António José da Costa e Francisco Aguiar; no dia 22, o nosso prezado amigo sr. António da Silva Martins; no dia 23, a senhora D. Alice de Barros Martins, esposa do nosso prezado amigo sr. António Ferra, e os nossos bons amigos srs. António Romano e Augusto Joaquim da Silva Guimarães; no dia 24, o nosso bom amigo sr. Fernando Mendes de Oliveira; no dia 26, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. Alberto da Silva Caldas, residente em S. Paulo (Brasil); no dia 25, mademoiselle Maria Glória Pacheco Rodrigues, de Barcelos, e a senhora D. Mariana Pinto de Campos Rodrigues, esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial em Serzedelo sr. Hilário Marques Rodrigues.

"Notícias de Guimarães" apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

*

Faz anos no dia 22 o nosso prezado amigo sr. Joaquim Bastos Monteiro, figura muito conhecida em todo o país e que no meio vimaranense conta muitas simpatias.

Com um grande abraço, apresentamos-lhe as nossas melhores felicitações.

Partidas e chegadas

Regressou das suas propriedades de Baiona (Taipas) o nosso prezado amigo sr. Dr. Alfredo Peixoto.

— Vimos nesta cidade o ilustre pianista-compositor, Mestre Eurico Tomaz de Lima, que já recomeçou o seu Curso de Piano.

— Tem estado em Lisboa o nosso querido amigo sr. Albano de Sousa Guise.

— Também se encontra em Lisboa o nosso prezado amigo e distinto camarada de "A Voz de Portugal" do Rio de Janeiro, sr. Correia Varela.

— Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

— Com sua família regressou das suas propriedades em Serzedelo o nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Leão Martins, distinto Poeta.

— Da sua viagem comercial a África regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. António Romano.

— Esteve entre nós o nosso querido amigo e ilustrado abade de S. Pedro da Raimonda, sr. dr. Francisco de Melo.

— Passou uma temporada nesta cidade, tendo regressado a Vila Real, o nosso prezado amigo sr. Sargento Júlio Mendes.

— Tem estado em Lamego o nosso prezado amigo sr. João Teixeira de Aguiar.

Casamento

No Mosteiro de Santa Marinha da Costa celebrou-se no passado dia 13 o casamento da Senhora D. Maria Manuela Figueiredo e Silva, gentil filha do nosso prezado amigo e importante industrial sr. Antero Henriques da Silva e de sua Esposa a senhora D. Esmeralda Figueiredo e Silva, com o estimado industrial do Pevidém sr. Manuel Gonçalves da Cunha, filho do industrial sr. João Ribeiro da Cunha, já falecido, e da senhora D. Maria Gonçalve da Cunha.

Paraninfaram o acto por parte da noiva seus pais e por parte do noivo sua mãe e irmão, a senhora D. Maria Gonçalves da Cunha e o sr. José Gonçalves da Cunha, também conceituado industrial.

Foi celebrante o Rev. José Gonçalves, tio do noivo e ilustrado Pároco de S. Jorge de Selho, acolitado pelo Rev. António Teixeira de Carvalho, digno Pároco de Santa Marinha da Costa.

Serviram de Damas de Honor e de caudatário da noiva a menina Maria Bernadete da Silva, prima da noiva, menina Salgado Guimarães e o menino Rodrigues Figueiredo, sendo portadora das alianças a menina Maria Angela da Silva, também prima da noiva.

Durante a cerimónia religiosa, que se fez revestir de muita pompa, fez-se ouvir uma excelente orquestra, composta por distintos professores de música do Porto.

Após o acto nupcial e em casa dos pais da noiva foi servido a todos os convidados um primoroso copo de água que deu ensejo à troca de brindes pelas felicidades do novo lar.

Aos noivos, que reunem todas as qualidades que hão-de torná-los felizes, desejamos as maiores venturas, e a suas famílias apresentamos os nossos cumprimentos.

Parabéns

Endereçamo-los à gentil menina Arnaldina de Sousa Lobo, filha do nosso prezado amigo e estimado funcionário na Secção de Finanças, deste concelho, sr. Arnaldo de Sousa Lobo, pela honrosa classificação final (13 valores) que obteve no exame de admissão ao Magistério Primário Oficial, efectuado em Braga.

Doentes

Tem passado doentinha a menina Maria José Simões de Sousa Meneses, extremosa filha do nosso querido amigo e distinto Provedor da Misericórdia, sr. Mário de Sousa Meneses.

— Doente, tem guardado o leito o nosso prezado amigo sr. Avelino Augusto de Araújo Dantas.

— Também se encontra doente a estimada modista local senhora D. Brígida de Jesus Gonçalves, esposa do nosso amigo sr. Abílio Gonçalves.

Desejamos as rápidas melhoras dos doentes.

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Segunda-feira, 20, e terça-feira, 21, às 21 horas

APRESENTA:

O maior êxito do cinema português

RAÍNHA SANTA

com ANTÓNIO VILAR, MARUCHI FRESNO, BARRETO POEIRA, VIRGÍLIO TEIXEIRA e JULIETA CASTELO.

Quarta-feira, 22, às 21 horas:

Um sensacional romance de capa e espada

A MULHER MALDITA

com MARGARET LOCKWOOD, JAMES MASON e PATRÍCIA ROC.

Sexta-feira, 24, às 21 horas:

Um filme para todos os admiradores de Deana Durbin

A DAMA DO COMBÓIO

com DAVID BRUCE e EDWARD E. HORTON

AGRADECIMENTO

A todas as pessoas amigas e corporações vimaranenses que no dia do meu aniversário natalício, ocorrido em 10 do corrente mês, me enviaram cartões, cartas e telegramas de felicitações e bem assim às que vieram, pessoalmente, trazer-me o seu abraço e palavras de estima que profundamente me sensibilizaram, venho pùblicamente manifestar-lhes o meu maior reconhecimento que torno ainda extensivo aos amigos de meu filho Albano de Sousa Guise que, do Rio de Janeiro, quiseram associar-se também a essas provas de estima que jamais poderei esquecer.

A todos manifesto a minha gratidão.

Guimarães, 17 de Outubro de 1947.

Francisco Raimundo de Sousa Guise.

ARAME ZINCADO

N.os 10, 11, 12, 13 E 14

FERRO T PARA RAMADAS

ENTREGA IMEDIATA

Reinaldo, Martins & Gonçalves, Limitada

Rua Paio Galvão — GUIMARÃES.

Diversas Notícias

Agressão a tiro

António da Silva Canário, residente no lugar das Varandas, da freguesia de Fermentões, agrediu a tiro de pistola José Estevão, solteiro, cuteleiro, da mesma freguesia, atingindo-o no braço direito. Teve de ser tratado no hospital da Misericórdia.

Pela Polícia

José Martinho, casado, sapateiro, do lugar da Portela, freguesia de Balazar, queixou-se à polícia contra Manuel Gonçalves Sepúlveda, casado, escultor, residente na Travessa da Quinta Amarela, da cidade do Porto, por furto de uma máquina de escrever no valor de 4.000$00.

— José da Silva, casado, operário fabril, do lugar das Cancelas, freguesia de Santo Tirso de Prazins, queixou-se à polícia contra José de Oliveira, Jerónimo Passinhas, José Dias, Domingos Pinheiro da Mota, José Casaca e José de Almeida, todos da mesma freguesia, por agressão à esposa do queixoso e por terem assaltado a sua residência afim-de colocarem na via pública os seus haveres, valendo-se para isso da sua ausência.

Reunião dançante

No penúltimo sábado e no salão nobre da Associação Humanitária dos B. Voluntários de Guimarães, realizou-se uma *soirée* dançante que decorreu muito animada e foi promovida por uma comissão composta pelos Srs. Carlos Alberto de Melo, Adrião Abílio Saraiva Martins e Rodrigo das Neves Correia Gomes, aos quais agradecemos a gentileza do convite.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural.

Embate de automóveis

Na Avenida Conde de Margaride o automóvel L T 11-85, conduzido pelo seu proprietário Aureliano Machado Sampaio, da cidade do Porto, ao descer aquela artéria e ao ultrapassar uma fourgonete que ali se encontrava estacionada, foi embater com o automóvel N R 10-73, guiado pelo seu proprietário Sr. Camilo Laranjeiro dos Reis Matos, desta cidade, resultando do embate prejuízos em ambos os carros.

Notícias militares

De 20 a 25 do corrente mês, pelas 9 horas, devem comparecer perante a Junta de Recrutamento que funciona no Quartel do D. R. M., em Braga, os mancebos recenseados no corrente ano e que ainda não foram inspeccionados.

Manifestos de produção

Os manifestos de produção de feijão de sequeiro e de regadio, etc., e de sementeiras de trigo e centeio, etc., e de plantações de batatas e árvores de fruto, devem ser feitos, respectivamente, de 1 do corrente até 31 de Dezembro e de 1 de Outubro até Março do próximo ano.

Vinho novo

O preço do vinho novo regula entre 1.300$ a 1.400$, o de 1.ª qualidade, e entre 1 000$ e 1.100$, o de 2.ª.

Batá

Atenção à 4.ª página

No meu Cantinho

Há ensejos na vida que nos enchem!

E é uma cheia de encanto e de prazer!

* * *

Ao relancear um formoso e largo volume com a colecção do quinzenário **Brasil-Portugal**, deparou-se-me, em 16 de Março de 1900, uma página surpreendente de Ramalho com a epígrafe — *Orthographia.*

Arranquei de lá este naco de profecia:

«Dada a maravilhosa anarchia neographica em que no momento presente rabeiam as pennas dos escriptores portugueses..... tudo isto me parece criar, para já, uma confusão indeslindavel e insoluvel, e determinar para o futuro um moroso processo de reconstituição technica, que calculo não poder estar nos casos de frutificar antes da primeira metade do seculo XXII.»

* * *

E dizia mais abaixo: —

«Rebello da Silva alegrava sempre as cartas particulares, em que tinha de repetir a mesma palavra, orthographando-a de cada vez por modo diverso.

O Alberto quer melhor?!

* * *

Em 1 de Setembro apreciei os boas fotografias dos Vencidos da Vida: Sabugosa, Soveral, Mayer, Ficalho, Junqueiro, Ramalho, Lobo d'Avila, Arnoso, Eça, O. Martins.

Pròs Cabouqueiros da História.

Tenho visto listas várias.

Esta merece respeito.

Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1949

Está convocada a Comissão Central da «Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1949» para *o próximo dia 23 do corrente, pelas 15 horas*, com a seguinte ordem do dia: Tomar conhecimento dos trabalhos realizados de acordo com a Câmara Municipal do Porto; apreciar o ante-projecto do Plano Geral da Exposição e a «maquette», na escala de 1/100, do Pavilhão de Honra — Palácio de Cristal e resolver sobre a orientação a seguir quanto aos trabalhos em curso.

O XVII Aniversário de "OS CARLOS,,

No dia 4 de Novembro o conhecido Grupo Onomástico "Os Carlos,, completa 17 anos de existência. A entrada no XVIII ano de actividade será comemorada, como nos anos anteriores, com festas e cerimónias, que se devem revestir de certo brilhantismo. Do programa deste ano, constam:

Domingo, 2 — A's 11 horas — Concentração de todos os Carlos que se queiram associar a uma homenagem junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra na Avenida da Liberdade. Após essa cerimónia seguem até ao Terreiro do Paço onde devem dispersar.

Segunda-feira, 3 — A's 16 horas — Exposição de diversos enxovais oferecidos gentilmente ao Grupo pelas famílias dos sócios. Esta exposição manter-se-á até ao dia 10. Os enxovais destinam-se a Carlos recem-nascidos. A's 21.30 horas — Visita às instalações do "Diário de Notícias,,. A concentração faz-se na Avenida da Liberdade junto ao n.º 266, às 21.15.

Terça-feira, 4 — A's 9 horas — Missa por alma dos Carlos falecidos que será celebrada na Igreja da Madalena. A's 14 horas — Bodo aos pobres, que tem lugar na sede do Grupo. A's 20 horas — 1.º Jantar de Confraternização de Carlos e respectivas famílias, cuja inscrição está aberta na sede do Grupo ao preço de 50$00 por pessoa.

Domingo, 9 — A's 10 horas — Distribuição de berços e enxovais aos Carlos nascidos no dia 4. A's 16 horas — 5.ª Visita Cultural dirigida por um distinto oficial de Marinha à Torre de Belém e Centro de Aviação Naval.

GUIMARÃES e Póvoa de Varzim vão passar a ser servidas por AUTOMOTORAS em viagem directa

A concentração dos serviços ferroviários permitiu, em algumas linhas, que se operasse uma benéfica transformação. Exploradas por empresas de limitada capacidade financeira, escasseiam os recursos para obras que desde há muito eram apontadas como necessárias. Quase toda a rede do Norte (referimo-nos à que não estava sob a exploração da C. P.) encontrava-se nessas condições.

A comprovar o qua acima escrevemos, basta conhecer o que se passa naquela zona e, de um modo geral, o que está a fazer-se em toda a rede ferroviária. Estão a ser renovadas todas as locomotivas e carruagens e renovadas as estações. Aumentou em algumas linhas o número de combóios (do Porto à Póvoa de Varzim foram elevados de 5 para 11), e melhoraram-se consideràvelmente alguns horários.

No Norte, a mais importante melhoria vai ser um facto dentro em breve. Quem precisar de ir de Guimarães à Póvoa gasta tempo infinito, além de ter de se sujeitar a grandes maçadas com trasbordos, etc. Vai produzir-se uma verdadeira revolução nesses serviços: Alargar a linha do Minho, de Lousado a Famalicão, fazendo passar por dentro da via larga a via estreita do serviço de Guimarães.

Deste modo, o combóio será directo desta cidade à Póvoa, entroncando na via larga, em Lousado, até Famalicão e começando, daqui em diante até à Póvoa, por via estreita. A viagem será, portanto, simples e rápida, sem os transtornos que presentemente tem.

Acrescentamos ser intenção dos respectivos serviços destinar a este percurso um serviço de automotoras, para que a viagem se torne, ainda, mais cómodo.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 17 de Outubro de 1947

Sob a Presidência do digno Pravedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, resolveu:

— Realizar no próximo dia 1, como de costume, pelas 15 horas, a Procissão de Finados, desde que compareça um mínimo de 50 irmãos.

— Convocar a Assembleia Geral de Irmãos, em primeira reunião, para o dia 30 de Novembro, afim de se proceder à eleição da Mesa e Definitório para o triénio de 1948-51 e em gegunda reunião para o dia 7 de Dezembro, se à primeira não comparecer número suficiente.

— Mandar proceder à limpeza e diversas reparações em alguns jazigos a cargo desta Misericórdia.

Venerável Ordem Terceira de São Francisco

Convocação da Assembleia Geral Extraordinária

Convidam-se os Irmãos desta Venerável Ordem a reunirem-se na sala das sessões, em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 20 do corrente, pelas 10 horas, para habilitar a Mesa a fazer um contrato de arrendamento de três salões, com os Serviços-Médicos-Sociais — Federação de Caixas de Previdência, para a instalação de um posto clínico provisório.

Se no dia acima designado não comparecer número legal de Irmãos, desde já fica feita a segunda convocação para o dia 27 deste mês, à mesma hora.

Guimarães e Secretaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, 7 de Outubro de 1947.

O Ministro e
650 Presidente da Assembleia Geral,

a) *Leopoldo Martins de Freitas.*

José Laranjeiro & Freitas, L.da

(POR MINUTA)

FAZ-SE PÚBLICO que por escritura de 1 de Outubro corrente, lavrada pelo notário desta cidade e comarca Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, foi constituida uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre José Laranjeiro dos Reis e Eduardo José de Freitas, sob a firma acima indicada e as clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma José Laranjeiro & Freitas, Limitada, tem a sua sede na cidade de Guimarães e domicílio na rua Trindade Coelho, lugar do Olival, por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

2.º

O seu objecto é a indústria de tecidos de seda e algodão, podendo explorar quaisquer outros ramos de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

3.º

O capital social é de sessenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, pertencendo a cada um dos sócios uma quota de trinta mil escudos.

4.º

A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme fôr deliberado em Assembleia Geral, compete aos dois sócios, podendo qualquer deles fazer uso da firma e representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente.

§ único

E' expressamente proibida aos gerentes usar da firma em actos ou documentos estranhos aos negócios sociais; aquele que infringir o estipulado responderá para com a sociedade pelos prejuízos que lhe cause *e* poderá, digo *e* perderá a favor do outro sócio os lucros que lhe devem competir no ano em que cometer a infracção.

5.º

A cessão total ou parcial de quotas entre sócios é livremente permitida; porém, a estranhos, só poderá ter lugar com o consentimento expresso do outro sócio.

6.º

Anualmente será dado balanço com a data de trinta e um de Dezembro, devendo os lucros líquidos nele apurados, depois de retirados cinco por cento para fundo de reserva legal, ser divididos pelos sócios, em partes iguais.

7.º

Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, poderá a sociedade continuar com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representante do falecido ou interdito se estes assim o desejarem, devendo aqueles herdeiros nomear um dentre eles que nela os represente; se os herdeiros ou representante do falecido ou interdito não desejarem continuar na sociedade, deverão dar parte, no prazo de sessenta dias, à sociedade, desta sua resolução, sendo então a sua quota amortizada segundo o valor do último balanço devidamente aprovado e assinado e que deverá ser o do último ano, e paga em 12 prestações trimestrais, à taxa do Banco de Portugal.

8.º

Dissolvendo-se a sociedade em vida dos sócios serão estes liquidatários, procedendo à partilha dos haveres sociais na forma deliberada *em* Assembleia, digo *em* Assembleia Geral de acordo com a lei; caso, porém, algum dos sócios o deseje, a liquidação será efectuada com a adjudicação do estabelecimento social, em globo, àquele de entre eles que mais oferecer em licitação verbal aberta entre os mesmos.

9.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas com antecedência nunca inferior a seis dias da data da reunião, sempre que a lei não exija outras formalidades.

10.º

Nos casos omissos regularão as disposições legais aplicáveis.

Guimarães, e Secretaria Notarial, aos 3 de Otuubro de 1947.

O Ajudante,
649

Martinho da Silva.

DISSOLUÇÃO

A Textil das Azenhas Novas, L.da

Com sede em Vizela

Faz-se público que por escritura de 9 de Outubro corrente, lavrada a folhas 49 verso do livro de notas n.º 422 do notário da cidade e comarca de Guimarães, Doutor Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, foi dissolvida a sociedade acima mencionada, devendo a liquidação *estar* determinada, digo *estar* terminada dentro do prazo de seis meses a contar da data da referida escritura; foram nomeados liquidatários os ex-sócios António da Costa Carneiro, Artur Augusto dos Santos e Carlos Luís Carneiro Pinto.

Secretaria Notarial de Guimarães, 11 de Outubro de 1947.

O Ajudante,
648

Martinho da Silva.

Ondulação permanente a frio, é uma inovação muito recente, que

AGUIAR-CABELEIREIRO

já conhece e executa superiormente.

542

Salão Aguiar

Telefone, 4216 — GUIMARÃES

"O LAR FAMILIAR"

A Cooperativa «O LAR FAMILIAR» ajuda a construir, adquirir ou reconstruir, uma casa para cada associado e tem por lema ajudar todos aqueles que, possuindo minguados recursos, albergam no seu espírito o justíssimo anseio de possuirem o seu Lar.

O associado pode obter a sua casa em qualquer ponto do Continente, pagando uma amortização que, por vezes, é muito inferior à renda devida ao senhorio e tem a vantagem de habitá-la seguidamente à sua construção, não pagando juros do dinheiro que a Cooperativa lhe abonou.

SEDE NO PORTO: Rua de Santo Ildefonso, 17-2.º — Telefone, 28003.

AGENTE NESTA CIDADE: Avelino Faria Guimarães — Telef., 4229.

Batá

VENDEM-SE 4 casas térreas, edificadas em terreno próprio para maiores edificações, em frente à Fábrica do Castanheiro. Recebem-se propostas, na Rua da Rainha, 88. 564

FERRA & PASSOS, L.DA

SEDE EM GUIMARÃES — Rua de Camões, 28-1.º

STAND EM BRAGA: 619

Avenida Marechal Gomes da Costa, 113

AGENTES NO DISTRITO DE BRAGA

dos Automóveis e Camions "Renault" e AGENTES nos Distritos de Braga e Viana do Castelo dos Automóveis "Nash".

SOUSA & FERREIRA, L.DA

TELEFONE, 4483

GUIMARÃES

ARMAZÉM de

Ferros diversos, chapas e ferragens
Cal, cimento, telha e tijolo
Artigos de grés
Tubos diversos e respectivos acessórios
Bombas e motores para diversos fins
Artigos sanitários
Material eléctrico
Acessórios para a indústria

JOALHEIROS FABRICANTES

Ferra & Irmãos, Limitada

Com as suas instalações na **Rua de Camões, 28-1.º-Dt.º**, executam nas suas oficinas de maneira insuperável, com esmero e escrúpulo, os mais difíceis trabalhos de **Ourivesaria e Joalheria.**

Se V. Ex.ª pretende possuír algum objecto do nosso FABRICO, entre outros, anéis para homem e senhora, brincos, alfinetes e broches, não deixe V. Ex.ª de visitar o nosso escritório aonde apreciará numerosos trabalhos aos melhores preços.

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES TRANSITÁRIOS

VEDEMELLO & C.ª

Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 21073 e 21074 e Estado 57 — CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA) (398

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell,, Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CADELA RATEIRA

Entrega-se a quem provar pertencer-lhe pagando todas as despesas. Falar com Eduardo J. Freitas, Rua de Francisco Agra, 93 — Guimarães.

AFINADOR PRECISA-SE, que saiba debuxo, para mestre de pequena fábrica.

Escrever ou falar na CASA NATÁLIA — VIZELA. 641